

Entrevista

Claudia

Wonder

O Mito volta à cena

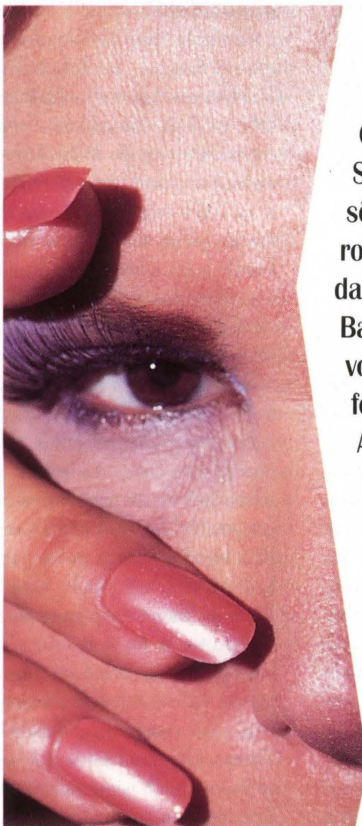


Ela completa 25 anos de carreira. Camaleônica, mistura de glamour e underground, transformada em mito, Cláudia Wonder volta à cena para ocupar o espaço que ela mesmo deixou. Aos 7 anos, Marco Antônio foi puxado pela orelha pela professora até a diretoria — dois andares acima da sua sala de aula! — porque havia feito a turma toda dançar o twist; com 10, jogou no lixo os hormônios que o médico havia receitado para conter sua produção hormonal — feminina! E, cabeleireiro e maquiador aos 16, comunicou aos pais sua opção pelo travestismo. E para o sucesso. Primeira travesti a posar em nu frontal para uma revista erótica. Isso, no Brasil dos anos 80, década em que circulou marginal, porém livremente, pelas mais diversas rodas culturais brasileiras.

Em seu polivalente currículo constam cenas com Tarcísio Meira no filme *O Marginal*, o documentário para a televisão suíça *Anjos Não Têm Sexo*, sobre a vida de personagens da noite paulistana; a peça *Nossa Senhora das Flores*, do maldito Jean Genet, além de revistas, performances... Sua incursão pela música resultou em versões brasileiras de sucessos do rock-and-roll como "Barra Pesada" e poesia travestida em transgressão musicada como em *Bat Girl* e *Jardim das Delícias*. Cláudia voltou à cena no ano passado com a performance *X.tha Magia*, inspirada em *Mars Attack*, produzida para a abertura do Festival *MiX Brasil*, vista também na *Lov.e* e no *Mundão*, evento em que se apresentou no mesmo dia da banda *Cibo Matto*, da namorada do guitarrista Sean, o Lennon...

Enquanto ela se prepara para encarnar a hostess oficial do *Mundo Mix*, o mercado persa fashion, agora em tour ampliada pelo país, leia a entrevista desta diva, de volta à cena, porque, como diz Caetano, gente foi feita pra brilhar!

Por Paulo Giacomini
Fotos Rachel Guedes



Cláudia, como você se tornou artista?

Desde criança eu gostava, nas festas da escola eu cantava, recitava, em casa também. Eu comecei fazendo dublagem na boate Nostro Mondo, num especial da Veruska. Em um mês eu estava na revista *As Gigoletes*.

É verdade que você contracenou com o Tarcísio Meira?

Foi no filme *O Marginal*, do Carlos Manga... Minha personagem, a Karina, fazia shows na boate do Valdo, personagem do Tarcísio Meira. **Em que ano foi isso?**

Em 1974. Ai, você não vai pôr isso; vão pensar que sou jurássica!

É um privilégio te apresentar a essa geração que está aí dançando nos clubes e te mostrar normalmente aos que te idolatravam há mais ou menos quinze anos pelas noites do eixo São Paulo-Rio de Janeiro. Nós trabalhamos juntos em 1982. Com 20 anos, eu tentava ser ator fora da escola de teatro; de repente, estava trabalhando com você, a Meise, o Augusto Rocha...

Você já começa assim? Isso porque a gente é amigo...

Foi uma das primeiras coisas punk feitas no país. O cenário, em antílope negro e madeira envelhecida, e o figurino, do Domingos Fuschini, também em antílope, com detalhes em tule colorido. Cada personagem usava uma cor. Lobsalda, A Vampira Vulgar, do Ronaldo Ciamboni, com direção do Eduardo Curado e produção do Homo Sapiens.

Eu fazia a Barbarella, uma escrava. A história também era meio punk, meio sadomasoquista. A rainha do castelo tomava sangue das escravas pra virar mulher *(risos)*.

Nessa época você fazia com o Eurico Martins e o pianista Oswaldo Sperandio o show Exótica, no Colorido. Depois vieram o show Wonder in Love, no Village Station Cabaret, e a leitura dramática de O Homem e o Cavalo, de Oswald de Andrade, dirigida pelo Zé Celso.

Eu era o Camarada Verdade, aparecia no palco nua, só com uma capa de tiras coloridas de organza. O *Wonder in Love* era lindo, eu contracenava com

uma boneca manipulada pelo Terence Allan, um ator e cantor americano.

Foi nesse show que você caiu do palco do Village?

Foi numa noite em que eu ganhei um prêmio no *Viva a Noite*, programa do Gugu. Eu estava muito feliz; acabou a luz e caí como Sarah Benhardt.

Você ficou quase um ano parada. Mas em 1985 ganhou a mídia com O Vômito do Mito, que você fez no Madame Satã, no Rose Bombom...

Foi na mesma época de *O Homem e o Cavalo*. Eu acho que foi o momento certo. Tinha aquela cena da banheira com groselha, que representava o sangue, numa época em que a aids aterrorizava todo mundo. Eu ficava



completamente nua, matava a cobra e mostrava o pau nessa banheira de sangue. E jogava esse sangue em todo mundo. Eu acho que foi isso, a ousadia e o momento certo de fazer a coisa. Era o rock, era o rock.

Antes de O Vômito do Mito sua imagem era mais brilhante, você usava mais plumas, strass... uma coisa mais Wonder in Love.

Foi justamente por isso que eu escolhi o nome *O Vômito do Mito*, eu queria vomitar todo aquele mito, aquela coisa que existia em cima do travesti e que era só aquilo. O que eram as plumas, os paêtes? Eu quis mostrar que o travesti pode fazer outra coisa, um artista não pode se limitar a um só gênero de trabalho... Pode ser outra

coisa, por eu gostar de ser diferente, talvez não a melhor, mas diferente.

Houve algum fato que fizesse com que você precisasse transgredir mais?

Claro! Foi numa dessas que, se não fosse o Leão Lobo e o Udenilson Júnior, eu ia apanhar, talvez até ser morta pela polícia. A gente estava no bar em frente ao Homo Sapiens numa sexta-feira de Carnaval quando eles chegaram fechando o quarteirão inteiro e foram levando umas bichas que não tinham nada a ver, que trabalhavam, estudavam... Num ímpeto, eu gritei: "Prender bicha é fácil! Subir o morro e trocar tiro com bandido ninguém vai!" *(risos)* Moreira da

Pra Você*

Hoje, mais cedo, com a mesa posta, pensei em você (purê). Na caminhada, na cidade, na velocidade, pensei em você (auê). No estudo, do estúdio, cantando, pensei em você (dó, ré...). Na multidão, olhando mil rostos, pensei em você (cadê?). No salão de beleza, cortando o cabelo, pensei em você (laquê). No show de Caetano, menino do Rio, pensei em você (Caê). No clube, no meio do agito, pensei em você (dancê). À noite na cama, esperando dormir, pensei em você (por quê?). Esta eu fiz pra você (você).

Silva, né? Aí me levaram também. Eles diziam: "Hoje a cobra vai fumar". Mas quando eu desci do camburão, um grupo liderado pelo Udenilson e pelo Leão já estavam na porta da delegacia gritando: "Ela não! Ela não!" *(risos)*. Acordaram o Darcy Penteadado às 2 da manhã, ele ligou pro Michel Temer, que era secretário da Segurança Pública. Eu entrei na delegacia e ninguém colocou um dedo em mim. Aí eu fiquei bocuda e comecei a gritar: "E as pessoas que estão presas, o que eles fizeram, ninguém vai soltar?" Mas o povo já estava me carregando pra fora.

Foi aí que você começou a escrever?

Eu vivia num meio muito criativo, que produzia, e ainda produz, muita

coisa boa. O Beto Ronkenzel, o Julio Dias Gaspar, o Edward McRae, o Jorge Mautner... Eu li Nietzsche, Yung, conheci Roberto Piva, Glauco Matoso, raspei a cabeça e comecei a escrever...

Polêmica. O Vômito do Mito, como você já disse, mostrou uma outra artista para o público. Uma Cláudia que já namorava, flertava com o underground, com o Val Improviso. Já naquela época era maravilhoso sair "quase meio dia do lado escuro da vida", como diz o Cazuzu em "Só As Mães São Felizes".

Em 1987, numa temporada no Barão com Joana, um bar badaladíssimo na cena carioca da época; o Cazuzu foi assistir ao show, depois foi ao camarim com o Zé Luís do Sax e disse: "Agora o Zé Luís vai te esportar todinha"; eu fiquei esperando e o Cazuzu me beijou. Naquela noite a gente dançou e bebeu muito. Amanhecemos juntos no apartamento dele, no Baixo-Gávea, num *chill-out* superintimo regado a Joy Division e maconha. Quando amanheceu, a gente na beira da piscina, de repente ele me diz que eu seria a primeira pessoa a ouvir a sua nova música. E me cantou com o rascunho à mão a música "Brasil", que a Gal, a Cássia Eller e ele gravaram.

Nossa!!!!

Dois dias depois, nos encontramos no mesmo bar e ficamos juntos. Ele sentava no meu colo e me beijava loucamente pra depois observar a reação das pessoas. Ele era um provocador. **Saiu alguma coisa disso nos jornais?** Isso não sai em jornal, você sabe. Antes de fazer a temporada no Rio, o Alberto Guzik fez uma crítica minha maravilhosa no *Jornal da Tarde*. Na mesma época, a Roberta Close fazia uma peça com o Jece Valadão, e a Thelma Lipp também se apresentava no Teatro das Nações com um texto do Ronaldo Ciamboni. O Guzik botou a foto das duas e, já no título, dizia: "Thelma Lipp e Roberta Close. Fique com Cláudia Wonder". Aí ele escreveu o que realmente elas eram no palco; que não me interessa dizer.

(O que não interessa a Cláudia dizer é que o crítico escreveu que tanto

Thelma quanto Roberta modelavam figuras inexistentes, desprovidas de vigor; encarnavam "mulheres-objeto de curvas generosas e matéria encefálica reduzida", enfim, que lhes faltava talento e brilho).

Mas no fim da crítica ele dizia que quem quisesse ver em ação um travesti que sabia "empregar o poder transgressivo de sua personificação deve ficar atento para as performances de Cláudia Wonder nas salas alternativas da cidade" onde eu esbanjava "acuidade e extraordinária força cênica".
E o Caio Fernando Abreu também fez uma crônica falando de você na coluna dele no Caderno 2 do jornal O Estado de S.Paulo.

Quando procurei a coluna do Caio pra te passar, eu chorei muito; ele foi, assim como o Cazuza, muito importante pra mim, ele se identificava comigo. Quando eu assisti *A Dama da Noite*, eu não parava de chorar, parecia que ele tinha escrito a peça pensando em mim.

(A identificação de Caio Fernando de Abreu, segundo Cláudia, não é exagero. A crônica de Caio, publicada no dia de uma estréia de La Wonder no Teatro do Bexiga, trazia o título: *Meu Amigo Cláudia*. O escritor abria a coluna com "Maravilha, prodígio, espanto: no palco e na vida, meu amigo Cláudia é bem assim". O cronista escreveu que Cláudia era "uma das pessoas mais dignas que conheço".)

Você fez umas fotos para um disco da Legião Urbana?

Eu fiz um trabalho com o fotógrafo Chico Aragão, que clicava a Legião Urbana pra capa do segundo disco deles. Eu estava me aprontando no camarim e o Renato Russo veio me pedir corretivo para olheiras. Eu não só emprestei como retoquei a maquiagem dele com o corretivo. Mais tarde, o Chico Aragão me chamou pra tirar uma foto com eles. Eu fiz a foto, deve ter ficado linda! Imagine eu, deitada numa plataforma coberta por um linóleo no meio de um cenário, com aqueles quatro garotos lindos!

E você não tem a foto?

Não, porque a Legião vetou a divulgação da foto antes do lançamento do disco. Depois que o disco saiu, eu não fui mais buscar...



“Eu quis mostrar que o travesti pode fazer outra coisa, um artista não pode se limitar a um só gênero de trabalho...”

Mas a versão que você fez de "Walking in The Wild Side", do Lou Reed, fez um sucesso danado!

A versão chama *Barra Pesada*, que é uma história quase autobiográfica das barras que já passei.

Por que você se tornou um travesti?

Eu escrevi isso numa carta pra responder a um artigo do (Luiz) Mott. Eu não me tornei travesti para realizar minhas fantasias sexuais. Foi outra coisa. É que eu era muito afeminado, não tinha sucesso. Com os heteros você sabe como é, eles não gostam que um gay se exponha sabe? A sociedade aceita desde que ele seja assim, bonitinho, engomadinho...

Discreto.

Discretinho, né? Não demonstre. E eu ficava fora dos padrões, sempre fui a famosa pintosa e não dava. Gay não gosta de afeminado porque gosta de macho, de homem, entendeu? A gente é assim, a gente não se torna, é apenas um detalhe isso aí.

E você nunca pensou em fazer como a Roberta Close e se operar?

Não. Talvez, se pudesse ser mãe eu operaria. Aí eu seria capaz. Eu acho que uma mulher que não é mãe não se realiza completamente. Uma mulher é isso mesmo (*risos*).

Por que você foi embora há dez anos?

Eu precisava de uma coisa diferente, parecia que minha carreira não andava mais e eu precisava ganhar dinheiro também, não podia viver de prestígio. Falavam muito em mim, mas o bolso não acompanhava. Novamente na Europa, eu tive condições de ficar mais tranqüila, entendeu? (*Pausa*) Você sabe, vai passando o tempo, chega a idade e você precisa se sentir um pouco mais seguro. Não que eu esteja segura, mas um pouco mais segura de alguma forma. E grana é básico, sem grana não dá.

Voltando à poesia, a extinta revista Afinal, em fevereiro de 1987, apresentou você ao público carioca como um sucesso vindo do underground paulistano...

Eles disseram que me definir como um travesti que canta rock era pouco porque das onze músicas do show, dez eram minhas.

Você é meio "mãe" da Léia Bastos?

Mãe da Léia Bastos??? (*risos*). Não, ela é trash.

E você é underground?

Sim. Eu acho que o espaço que deixei quando fui pra Europa não foi preenchido. Eu não sou uma drag queen, eu sou travesti. Estou apenas retomando um espaço que deixei.

De onde vem o seu carisma?

Acho que é fruto do meu trabalho, só isso.


O seu trabalho tem essa poesia? Você acha que isso é poesia?

Talvez. A poesia da minha própria vida, né? A luta. É um trabalho em que eu penso muito. É minha vida. O músico tem de ser a música, o performer tem de ser a performance.

Cláudia por Wonder ou Wonder por Cláudia?

Wonder por Cláudia: trabalho com amor, carinho, dedicação e esmero.

E Cláudia por Wonder?

Pobre menina tola que ainda acredita no amor e na paixão. 

Barra Pesada

José fugiu do interior pra capital
Cruzou de carona o seu país
E no caminho ele raspou as pernas,

Ele virou ela e chamou: Ei, cara

Vem pra barra pesada

Vem pra barra pesada

João nunca deu o rabo de graça

Quem queria pagava e pagava

Era um michê aqui e outro ali.
Isso pra ele era se divertir.

Aonde?

Na barra pesada, vem se divertir!

Na barra pesada.

E as bichas cantavam do, do, do, do, do, do, do...

Jesus era chave de cadeia,

Era o preferido do xerife.

Mas ele não esquentava

Nem quando sangrava.

E com a boca melada

Ele lambia e engolia

Essa barra-pesada

Engolia toda essa

Barra-pesada.

E ganhou a rua o rapadura

Descolar um rango é coisa dura

Val Improviso foi a jogada

E a galera agitando gritava

Aqui a barra é pesada

Aqui a barra é pesada.

De baixo-astral estava Maria

Pensou ser James Dean por um dia

Então tomou e cafungou e se picou

Alguém perguntou por quê?

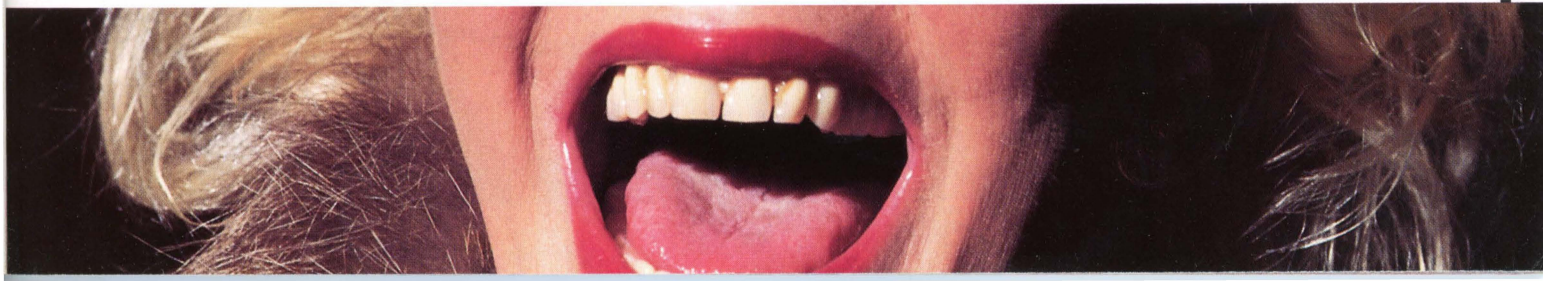
É que a barra é pesada

Por quê, mina?

É que a barra é pesada.

E as putas cantavam do, do, do, do, do, do, do...

* Versão da música
Walking in the Wild Side,
e poema de 1998, ambos
de Cláudia Wonder



Fantasia no armário

Mesmo apaixonado pelo Japão, onde morou nos últimos quatro anos, o bailarino Luciano M., 26 anos, decidiu voltar para São Paulo. Deixou para trás um emprego invejável no Porto Europa, ilha artificial construída na cidade de Osaka que agrega cinco hotéis, restaurantes, marina e clubes noturnos. Lá, ele atuava como primeiro-bailarino, coreógrafo e coordenador dos artistas estrangeiros do parque.

O que o trouxe de volta, além da crise que ora afeta a economia japonesa, foi a certeza de que, após onze anos de balé, era chegada a hora de diversificar. "Nossa car-

reira é curta", admite ele, que encontrou na profissão de comissário de bordo uma maneira de continuar vendo os amigos que fez no Japão e nos Estados Unidos, manter a fluência em inglês e japonês e pagar pelas aulas de dança, canto e piano. São Paulo, no entanto, é parada provisória. "Pretendo sediar-me como comissário em Los Angeles", diz.

Apesar da proximidade da família e dos amigos, Luciano não tem muitos motivos para gostar da cidade onde nasceu. "Apenas no Japão fui reconhecido e bem remunerado como bailarino", diz ele, com a experiência de quem já integrou os corpos de baile do Teatro Municipal, da companhia Cisne Negro e graduou-se pela filial paulistana da rígida Royal Academy of London, uma das escolas de dança mais consagradas do mundo. "Bailarino no Brasil passa até fome", garante.

A adoção de um país tido como frio e hostil a estrangeiros como segunda pátria deveu-se ao respeito que os japoneses devotam a quem, como Luciano, inclui em seu repertório o transformismo. "Depois que a 'coisa' ficou fashion, elas viraram drags", diz. "Mas, quando estreei, aos 17 anos, na extinta

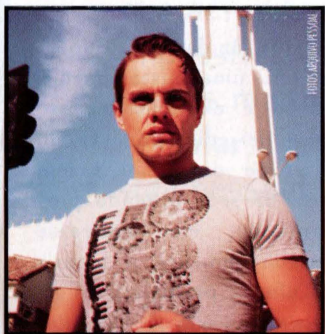
boate Fabio's, no bairro de Santa Cecília, em São Paulo, nem conheciam esse nome no Brasil."

Luciano apresentou-se ao lado de drags como a hoje consagrada Silvetty Montilla, ainda em início de carreira. "Dizia em casa que as roupas de mulher eram de minhas colegas de balé", lembra. "Mais tarde, aos 21, contei tudo à minha mãe e recebi seu apoio."

Sair do país foi a maneira que Luciano encontrou para viver de sua arte; nada lhe prendia aqui, nem

mesmo os elogios dos mestres aos seus dotes de bailarino clássico. "O preconceito contra a drag é forte até entre bailarinos; nunca pude contar a meus professores que dançava em boates." Segundo ele, mesmo o dançarino que não atua como transformista sofre preconceito no meio gay. "Quem dança é visto como 'gente fácil', um absurdo." Luciano afirma que o preconceito contra o homossexualismo no Japão é mais forte do que no Brasil. "Mas o problema é com o próprio japonês, que raramente se assume gay; com estrangeiro, tudo bem."

O que ainda lhe emociona é lembrar a tietagem democrática do público do parque, impensável no Brasil. "Até crianças pediam para tirar fotos comigo quando eu estava 'montada'", conta. Na nova carreira, em que discrição é comportamento imperativo, Luciano pretende reencontrar essa auto-estima. "Jamais serei drag no Brasil", garante. "Meus shows agora são só para divertir os amigos." **G**



Programa sua viagem pelo Brasil e para o exterior com o POOL de agências de viagens.

CALENDÁRIO 1999

● M a r ç o

11 a 15 de março Winter Party em Miami

● A b r i l

20 a 25 de abril Ataque de Tubarão em Recife

● M a i o

14 a 16 de maio Gay Day Encantado no Rio
28 de maio a 06 de junho Gay Day na Disney

● J u n h o

02 a 06 de junho Priscilla, Rainha de Cumbuco
25 a 27 de junho Parado do Orgulho em Sampa

● J u l h o

09 a 11 de julho Esquete Curitiba
15 a 18 de julho Último Tango em Buenos Aires

● A g o s t o

13 a 15 de agosto Sexta-feira 13 na Ilha do Breu
21 a 28 de agosto New York, New York...

● S e t e m b r o

04 a 07 de setembro Proclame Independência no Rio

● O u t u b r o

08 a 12 de outubro Role duna abaixo em Fortaleza
29 de out. a 02 de nov. Faça a cabeça em Salvador



DE AGÊNCIAS

A SUA GARANTIA DE QUALIDADE



ARCOBALENO TURISMO

(011) 3064-1957

arcobaleno@originet.com.br



ALIBI TOURS

(011) 214-3375

alibi@alibi.com.br
www.alibi.com.br



INTER-RAINBOW TURISMO

(011) 214-0380

geotrave@greco.com.br



TROPICALS VIA TURISMO

(011) 5563-2481

tropivia@uol.com.br

www.geocities.com/TheTropics/Cabana/4563